

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

O envelhecimento e a homossexualidade masculina

Luciana de Almeida da Cunha

Passo Fundo

2014

Luciana de Almeida da Cunha

O envelhecimento e a homossexualidade masculina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dra. Eliane Lucia Colussi
Coorientadora: Dra. Marilene Rodrigues Portella

Passo Fundo
2014

CIP – Catalogação na Publicação

C972e Cunha, Luciana de Almeida da
O envelhecimento e a homossexualidade masculina /
Luciana de Almeida da Cunha. – 2014.
55 f. : il; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –
Universidade de Passo Fundo, 2014.
Orientador: Profª. Dra. Eliane Lucia Colussi.
Coorientador: Dra. Marilene Rodrigues Portella.

1. Envelhecimento. 2. Homossexualidade. 3. Homem –
Orientação sexual. I. Colussi, Eliane Lucia, orientadora. II.
Rodrigues, Marilene Rodrigues, coorientadora. III. Título.

CDU: 613.98

Catalogação: Bibliotecária Angela Saadi Machado - CRB 10/1857

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação:

“O envelhecimento e a homossexualidade masculina”

Elaborada por

LUCIANA DE ALMEIDA DA CUNHA

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
“Mestre em Envelhecimento Humano”

Aprovada em: 31/03/2014
Pela Banca Examinadora



Prof^a. Dr^a. Eliane Lucia Colussi
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora



Prof^a. Dr^a. Marilene Rodrigues Portella
Coorientadora – UPF/ppgEH



Prof^a. Dr^a. Helenice de Moura Scortegagna
Universidade de Passo Fundo – UPF/ppgEH



Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM



Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Bertoletti De Marchi
Universidade de Passo Fundo – UPF/ppgEH

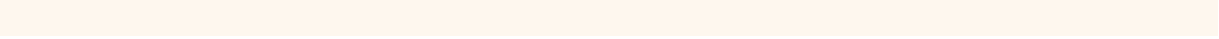


Prof^a. Dr^a. Iara Salete Caierão
Universidade de Passo Fundo - UPF

Ao meu filho, João Artur, que a tudo dá significado.
Ao Elder João Hauch, meu amigo e companheiro de jornada.
À minha Mãe... Mulher forte, guerreira.
Ao meu pai (in memória), saudades de ti.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem o qual eu nada seria. Aos sujeitos da pesquisa, pessoas que, mesmo anonimamente contribuíram para a construção deste trabalho. Às professoras doutoras Eliane Lucia Colussi e Marilene Rodrigues Portella, pela paciência na orientação e pelo incentivo, ações que tornaram possível a conclusão desta dissertação. À Rita de Marco, secretária do ppgEH, por sua dedicação e atenção aos mestrandos, sanando sempre suas dúvidas e inquietações. Por fim, à às pessoas que passaram pela minha vida, a meus amigos, meus colegas de trabalho, a todo mundo... Meus sinceros agradecimentos



A porta da verdade estava aberta,
Mas só deixava passar
Meia pessoa de cada vez.

Assim, não era possível atingir toda a verdade,
Porque a meia pessoa que entrava
Só trazia o perfil da meia verdade.
E sua segunda metade voltava igualmente
Com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta.
Derrubaram a porta,
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
Diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Cunha, Luciana de Almeida da. O envelhecimento e a homossexualidade. 2014. 55 f. : il; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, 2014.

O debate sobre os direitos humanos de homossexuais idosos é muito relevante no contexto atual. Tal relevância deve-se, entre outros aspectos, ao aumento progressivo do envelhecimento populacional e da expectativa de vida. Por tratar-se de um segmento duplamente discriminado, idosos homossexuais tornam-se alvo de preconceito sob a rotulagem de estereótipos depreciativos. Nessa perspectiva, o estudo – descritivo, de abordagem qualitativa – teve como objetivo conhecer as repercussões da orientação sexual homoafetiva na trajetória de vida de homens idosos.. Foram entrevistados quatro indivíduos idosos homossexuais, na faixa etária entre 60 e 65 anos e os dados colhidos foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Os resultados foram estruturados a partir de quatro categorias: recordando a descoberta da orientação sexual; sobre a orientação sexual e o posicionamento da família; se assumir como gay: observação da resposta social; no processo de viver e envelhecer “não importa ser hetero ou homo”, todos seguem o seu curso. As narrativas dos idosos homossexuais revelam o preconceito social enfrentado nos variados contextos. Suas trajetórias de vida, no viver cotidiano, se assemelham às das demais pessoas, eis que, independente de sua orientação sexual, estudaram, trabalharam e constituíram famílias. Suas percepções acerca de viver e envelhecer nessa condição, com exceção dos episódios de preconceito demonstrado pelos homofóbicos, repercutiram de forma positiva na sua trajetória de vida.

Palavras-chave: 1. Envelhecimento. 2. Homossexualidade 3. Direitos humanos.

ABSTRACT

Cunha, Luciana de Almeida da. O envelhecimento e a homossexualidade. 2014. 55 f. : il; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, 2014.

Discussions on human rights of elderly homosexuals are very relevant in the current context. Such relevance is due, among other things, the progressive increase of the aging population and life expectancy. Because they are inserted into a doubly discriminated segment, homosexuals elderly become targets of prejudice in the labeling of derogatory stereotypes. In this perspective, the study - descriptive, with a qualitative approach - aims to evaluate the impact of homo-affective sexual orientation in the life trajectory of elderly men. Were interviewed four homosexuals elderly individuals, aged between 60 and 65 years, and the data collected were analyzed using the technique of content analysis of Bardin. The results were structured around four categories: remembering the discovery of sexual orientation; about sexual orientation and positioning of the family; be assumed as gay: observation of social response; in the living and aging process, "no matter be hetero or homo," everyone follows his course. The narratives of elderly homosexuals reveal social prejudice faced in different contexts. Their life histories, in daily life, resemble those of other people, once, regardless of their sexual orientation, they have studied, worked and constituted families. Their perceptions about living and aging in this condition, with the exception of episodes of prejudice shown by homophobic people, had positive repercussions in their life trajectory.

Keywords: 1. Aging. 2. Homosexuality 3. Human rights.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Recordando a descoberta da orientação sexual	30
Quadro 2 - Posicionamento da família	35
Quadro 3 - Assunção como homossexual.....	39
Quadro 4- Perspectivas para o futuro	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1 <i>Homossexualidade.....</i>	<i>13</i>
2.2 <i>Vivendo sob o signo do preconceito.....</i>	<i>15</i>
2.3 <i>Envelhecimento.....</i>	<i>17</i>
2.4 <i>Envelhecer e ser homossexual.....</i>	<i>19</i>
3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS.....	23
3.1 <i>Delineamento do estudo</i>	<i>23</i>
3.2 <i>Cenário e participantes do estudo.....</i>	<i>25</i>
3.3 <i>Procedimentos de coleta de dados</i>	<i>25</i>
3.4 <i>Análise dos dados.....</i>	<i>26</i>
3.5 <i>Considerações éticas.....</i>	<i>26</i>
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
4.1 <i>Caracterizações dos sujeitos do estudo.....</i>	<i>28</i>
4.2 <i>Categoria 1 – Recordando a descoberta da orientação sexual</i>	<i>29</i>
4.3 <i>Categoria 2 – Sobre a orientação sexual e o posicionamento da família.....</i>	<i>33</i>
4.4 <i>Categoria 3 – Se assumir como gay: observação da resposta social</i>	<i>38</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A velhice tem sido percebida como a perda da autonomia individual e decadência física e tem sido marcada pela ausência de relacionamentos afetivos sexuais. No entanto, tem-se criado uma perspectiva estereotipada em relação à comprovação dos direitos sociais, evidenciando, assim, a reversão dos estigmas que se tornaram legados do envelhecimento. Conseqüentemente, estabeleceu-se novo vocabulário para a sua referência, a invenção da categoria terceira idade (DEBERT, 2004). Como consequência, tentativas de homogeneização das representações da velhice têm sido acionadas, produzindo uma nova categoria cultural: as pessoas idosas, como um conjunto autônomo e coerente, que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão da população acima de 60 anos (DEBERT, 2007).

Por outro lado, de acordo com Andrade *et al* (2008), em nosso meio é possível perceber claramente o predominante despreparo social relacionado ao envelhecimento, que conduz a um descompasso informacional que leva à discriminação do idoso.

O processo de envelhecimento faz parte do contexto da vida de cada indivíduo e apresenta suas peculiaridades com dimensões biológicas, históricas e culturais, mas também se manifesta como uma experiência heterogênea e complexa, embora consideremos, por várias vezes, tão somente os sentidos simbólicos ligados à decomposição do corpo. É um saber que envolve muitas mudanças, logo, possui uma ampla caracterização biológica, com fatores históricos e sociais muito importantes, não podendo ser vista a idade como um marco determinante. A vetustez deve construir referências ou indicadores para as políticas públicas, leis de direitos sociais e não apenas ser vista como uma demarcação que caracterize o ser velho (ALVES, 2004; DEBERT, 2007).

Se o processo de se tornar senil tem sido encarado, em muitas instâncias, como um problema, numa sociedade preconceituosa o envelhecimento dos homossexuais pode, como um prejulgamento, ser encarado como uma degeneração dos *pederastas*, perspectiva que é sombria, solitária e que permeia o imaginário de um desconhecido número de pessoas (SIMÕES, 2004).

Tal temática, quando abordada sob a perspectiva da trajetória de vida de homossexuais idosos, adquire importância para estudos e debates, uma vez que da singularidade dessas histórias de vida pode-se conhecer a significação atribuída pelos sujeitos sobre suas vivências e percepções. As memórias são construções dos grupos sociais, uma vez que estes determinam o que é memorável e os lugares nos quais essa memória será preservada (HALBWACHS, 2006).

Refletir sobre o envelhecimento da população brasileira e sua repercussão num grupo específico populacional, no caso dos homossexuais que estão vivenciando seu envelhecimento, impõem algumas reflexões. A primeira diz respeito ao fato de que o envelhecimento é um processo de alterações graduais irreversíveis na estrutura e no funcionamento de um organismo, que ocorre como resultado da passagem do tempo, em qualquer parte entre o nascimento e a velhice. A segunda, por sua vez, volta-se ao envelhecimento de uma população, em um olhar que não pode, nem deve, resumir-se a uma mera análise demográfica, mas, sobretudo incluir os aspectos socioeconômicos e culturais de um povo, a fim de que se possa perceber, de forma mais nítida, as consequências, mudanças, desafios e perspectivas que esse processo traz consigo e quais as medidas e as políticas sociais que devem ser adotadas diante desse novo fenômeno, que se apresenta à sociedade brasileira (FERREIRA, 2009).

A sexualidade na velhice é um tema ainda comumente negligenciado, sendo pouco abordado e pouco entendido pela sociedade, pelos próprios idosos e mesmo pelos profissionais da saúde. Quando se trata de idosos homossexuais, a temática ganha relevo em termos de pesquisa, uma vez que permeada por questões de preconceitos e estigma que cercam tanto a homossexualidade quanto a velhice.

Vivenciar a condição humana de ser homossexual e idoso, numa sociedade em que a juventude e a beleza são demasiadamente valorizadas, significa confrontar-se cotidianamente com grandes desafios. Acredita-se que uma proposta de estudo sobre tal problemática permita a construção de conhecimentos, os quais possam contribuir, em especial, para os profissionais que atuam no contexto gerontológico, pois trabalhar com este segmento populacional, além da formação técnica, pode também exigir desses indivíduos a revisão de valores acerca da diversidade que integra o mundo social.

As respostas perseguidas pela pesquisa voltaram-se às memórias e aos relatos de suas histórias de vida e, nesse contexto, buscou-se conhecer as repercussões da orientação sexual homoafetiva na trajetória de vida de homens idosos.

Nesse sentido, este trabalho tem como eixo principal contribuir para a construção de conhecimento através das ciências do envelhecimento humano, obtendo subsídios identificados pelas necessidades que esses diferentes grupos ou segmentos de idosos possuem na garantia dos direitos específicos dessa população.

Assim sendo, o questionamento que se faz nesta proposta é: o que significa a velhice para homossexuais masculinos, e que lugar que ela ocupa na trajetória de vida dessas pessoas?

Em face de tal problema, este trabalho tem por objetivo geral conhecer as repercussões da orientação sexual homoafetiva na trajetória de vida de homens idosos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, são apresentados os principais conceitos que compõem o arcabouço que sustenta a análise e a discussão dos achados deste estudo.

2.1 Homossexualidade

A homossexualidade, segundo Rodrigues (2004), remonta a antigas civilizações, havendo registros acerca da posição favorável da sociedade grega em relação ao relacionamento entre homens. Com base na mitologia grega, é possível sustentar a tese de que a homossexualidade era comum na Grécia Antiga, tendo como personagens mais famosos Zeus e Ganimedes, Hércules e seus quatorze amantes masculinos, Himeneu, Ciparisso, Carnus e outros.

O conceito de homossexualidade, ainda hoje, suscita debates, dados os conteúdos ideológicos que sobre ele emergem.

A etimologia da palavra homossexual baseia-se na raiz da palavra grega *homo*, que significa semelhante ou igual, somada à palavra latina *sexus*, que representa sexo, possibilitando inferir que homossexual se refere à sexualidade semelhante (MOREIRA FILHO; MADRI, 2010).

Dias e Rocha (2014) chamam atenção para o conceito expresso no *Grande Dicionário Larousse Cultural de Língua Portuguesa*, que define homossexualidade como “desvio do desejo, que se orienta para o mesmo sexo, tanto nas fantasias como na relação corporal”, bem como destacam o fato de haver, em alguns casos, uma associação entre a definição de homossexualidade e “comércio carnal”. Tem-se, em tais situações, uma espécie de indicativo da anormalidade do instinto sexual do indivíduo.

Freitas *et al.* (2010) destacam que, durante anos, a homossexualidade foi chamada de preferência ou opção sexual, termos que implicam uma escolha exclusivamente consciente.

No entanto, conforme Lima (2013), definir a homossexualidade apenas como a preferência sexual por indivíduos do mesmo sexo é um exercício um tanto limitado, já que os termos “preferência” e “opção” podem conotar a tendência a escolher, optar, e acabam não incluindo os processos biológicos e psicoculturais que podem determinar tal “escolha”.

Alonso (2005) salienta o fato de que histórico-culturalmente houve o estabelecimento de uma relação individual e social, que enquadrava direta e proporcionalmente a masculinidade como papel do homem, e a feminilidade como função da mulher. Desde a Antiguidade, são inúmeros os registros culturais que apontam a ênfase dada à dualidade biológica sexual, estabelecida entre o macho e a fêmea, o homem e a mulher.

Sobre a temática, oportuno destacar que:

Em toda a história e em todo o mundo a homossexualidade tem sido um componente da vida humana. [...] Nesse sentido, não pode ser considerada antinatural ou anormal. Não há dúvida de que a homossexualidade é e sempre foi menos comum do que a heterossexualidade. No entanto, a homossexualidade é claramente uma característica muito real da espécie humana (NAPHY, 2006, p. 56).

Como a tendência predominante da mentalidade ocidental foi, pelo menos até a divulgação da teoria freudiana, a de estabelecer uma visão dicotômica sobre o comportamento humano e, portanto, também sobre as práticas sexuais, a conduta que não se enquadrasse nas convenções sociais da heterossexualidade, em geral, não era bem-vista, nem bem-aceita e, quando muito, tolerada. Ainda segundo o autor, a sociedade não foi capaz de transcender a dualidade e de perceber a ambivalência sexual já apontada por Freud, no final do século XIX (ALONSO, 2005).

A questão da identidade de gênero é apontada em estudos (NAPHY, 2006; ALONSO, 2005) e a orientação sexual é relacionada a partir de conceitos distintos. Diferentes estudiosos do tema salientam que identidade de gênero pode ser definida como a forma como um indivíduo se sente e se apresenta para si e para as demais pessoas como masculino ou feminino. Pode ser, no entanto, que se apresente como uma mescla, uma mistura de gêneros, independentemente da condição biológica de fêmea ou macho, ou da orientação sexual. Dito

de outra forma, trata-se da maneira como reconhecemos a nós mesmos e desejamos que os outros nos reconheçam.

2.2 Vivendo sob o signo do preconceito

O preconceito em relação à homossexualidade tem várias dimensões, podendo ser analisado sob a ótica de distintos autores.

Para Pedro (2006), o prejulgamento, especificamente falando, é uma atitude negativa contra um grupo de pessoas, baseado exclusivamente no fato de essas pessoas pertencerem ao grupo discriminado. É uma atitude composta por três elementos: o componente afetivo (as emoções), o componente cognitivo (as crenças e os pensamentos, que se resumem em estereótipos), e o componente comportamental (as ações, que podem se constituir negativas, injustificadas ou prejudiciais contra os membros de um grupo, simplesmente porque pertencem a esse grupo).

De acordo com Loiola (2001), indivíduos preconceituosos têm receio em dizer que têm preconceito, que é tão grande que os leva a, não raramente, preterir o uso do nome por adjetivos pejorativos, como “veado” ou outros. Numa analogia, destaca Loiola que, por outro lado, assim como é difícil assumir-se homofóbico, é também difícil dizer que se é homossexual, exemplificando que se pode dizer que é “católico não praticante”, mas não há como afirmar de si mesmo que seja “heterossexual não praticante”. Isso tem reflexos nas relações binárias cobradas pela sociedade, nas quais o indivíduo, ao não cumprir um papel sexualmente determinado, perde o respeito de seus semelhantes de gênero. Isso por que ser homossexual continua a ser uma característica depreciativa.

Segundo Pedro (2006), termos depreciativos, piadas e pilhérias são muito comuns na sociedade, onde se criou, no imaginário, uma atitude agressiva e excludente em relação às minorias, sejam compostas por negros, feministas ou homossexuais. Mas é muito comum que as pessoas argumentem que tudo não passa de brincadeira, que não há problema algum nas piadas sobre gays, negros e mulheres louras, e ainda se escondam atrás de um discurso acerca do politicamente correto.

Mota (2012, p. 29) explica que, ao se considerar a homossexualidade a partir do seu conceito simplista e estagnado e do lugar comum do sexo oposto (feminino/mulher), baseado no sistema hierárquico de gênero e no sistema médico-científico, que classifica arbitrariamente as práticas sexuais, tem ocorrido transformações, possibilitando perceber um novo processo de “visibilidade das homossexualidades identitárias, principalmente no Brasil”. Por conseguinte, esse sujeito, agora visível, deve ser considerado em todo seu percurso de existência e, portanto, há de se preservar (ou construir) o lugar social do indivíduo idoso do sexo masculino homossexual, por conta do longo caminho ainda por percorrer na luta pelo reconhecimento dos seus direitos sociais e civis.

Costa (2009) afirma que há, em nossas identidades hierárquicas e seus ideais, a garantia da brutalidade de muitos preconceitos sociais, raciais e sexuais. Destaca ainda que, nas últimas décadas do século XX, os homossexuais assumiram o espaço público e empunharam bandeiras em favor de sua orientação homossexual, mas não conseguiram afastar o preconceito e a violência.

Sousa Filho (2010) alega que o campo da sexualidade, enquanto objeto de análise, subdivide-se em campos de conhecimentos diversos e se articula num sistema de regras e coerções. Nesse sentido, nele vigoram as ideologias, que carregam em seu bojo o preconceito presente no imaginário de diversas sociedades, querendo fazer crer que a condição de homossexualidade é uma exceção ou desvio, levando a que se busque uma causa específica, responsável por produzir a homossexualidade do indivíduo afetado, o que permitiria, inclusive, uma “cura”. Ainda segundo o autor:

É importante ressaltar que, no longo processo de colonização do imaginário de nossas sociedades, ganhou força uma concepção que corresponderia a uma naturalização da sexualidade humana, cujo efeito mais destacado é ter criado a idéia segundo a qual a heterossexualidade seria inata (a natureza daria os exemplos em todas as espécies), sendo então natural e normal, a homossexualidade sendo uma tendência adquirida, não sendo, pois, nem natural nem normal (SOUSA FILHO, 2010, p. 4).

De acordo com Simões (2008), nos tempos modernos a discussão a respeito da homossexualidade – tanto no âmbito acadêmico como no político – tem trazido à tona as emergentes políticas de identidade, traduzindo, em final da década de 1980, diferentes e novas

formas de rotulação, estigmatização e marginalização. Emergiram, a partir de então, dois modelos de análise da problemática: um modelo historicamente enraizado, que distinguia “homens” de “homens que sentem atração por indivíduos do mesmo sexo”, respectivamente denominados “ativos” e “passivos”, conforme uma hierarquia de gênero articulada ao papel esperado no ato sexual; e outro “igualitário-moderno, que distinguia homossexuais e heterossexuais a partir de concepções de orientação do desejo sexual, cuja origem estaria nos discursos médicos e psicológicos do final do século XX” (SIMÕES, 2008, p. 537).

2.3 Envelhecimento

O acelerado envelhecimento populacional, aliado ao aumento da expectativa de vida, à redução das taxas de natalidade e a mortalidade e melhoria na qualidade de vida da população, encontra-se em processo de construção e adequação pela sociedade moderna. O envelhecimento é um processo natural que submete o organismo a diversas alterações físicas e funcionais. Essas mudanças são progressivas e ocasionam efetivas reduções na capacidade funcional do organismo. Embora existam alterações tipicamente relacionadas ao envelhecimento, nem todos os órgãos sofrem seus efeitos da mesma forma; elas ocorrem em velocidade diferente e com extensões desiguais (FREITAS, MIRANDA, NERI, 2002).

De acordo com Mendes *et al.* (2005, p. 423), “envelhecer é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do homem e dá-se por mudanças físicas, psicológicas e sociais que acometem de forma particular cada indivíduo”. É uma fase em que o indivíduo sopesa sua existência e conclui ter alcançado muitos objetivos, mas também sofre muitas perdas, incluindo as relacionadas à saúde, que se destacam entre as principais.

Segundo Santos (2010), o processo de envelhecimento provoca, na vida das pessoas, modificações biológicas, psicológicas e sociais. As modificações biológicas são as morfológicas, caracterizam-se pelo surgimento de rugas, cabelos brancos e outras; as fisiológicas, relacionadas às alterações das funções orgânicas; e as bioquímicas, que estão diretamente ligadas às transformações das reações químicas que se processam no organismo. Já as modificações psicológicas têm lugar quando, ao envelhecer, o ser humano precisa adaptar-se às novas situações de seu cotidiano. As modificações sociais são, por sua vez, observadas quando as relações sociais sofrem transformações em decorrência da diminuição

do poder físico e da produtividade do indivíduo. Com estas, diminui também o poder econômico, alteração social mais evidente em países de economia capitalista.

Freitas *et al.* (2010) afirmam que as transformações que acompanham a velhice devem ser pensadas considerando o todo dos indivíduos. Alguns são receptivos às novas experiências e percebem a velhice como um estágio de vida mais ampla e profunda, no decorrer da existência. Outros, ao contrário, continuam rígidos quanto às mudanças peculiares ao envelhecimento e quanto ao modo de ver e identificar a velhice. Dito de outra forma, pensar os significados dados à velhice varia em cada pessoa.

A expansão no número de pessoas com perfil idoso aponta para a velhice como uma questão social, que requer atenção por parte da sociedade e do Estado, uma vez que se relacionam a crises de identidade, alterações nos papéis familiares, aposentadoria e mudanças nos hábitos de vida, perdas de distintas naturezas, além de diminuição da participação dos indivíduos no tecido social (GONÇALVES; ALVAREZ, 2006).

Observando o contexto social da velhice, podem-se apontar algumas importantes distinções: tem um gênero, sendo esta predominante feminina, principalmente no que se refere à presença nos espaços coletivos. “As velhices” são diferentes, ainda, ao se considerar a questão da classe social e o interesse por determinadas atividades de lazer, percebendo-se que os espaços sociais nos quais ocorre a sociabilidade vão diferenciar-se conforme o sexo das pessoas. Outro fator de diferenciação tem origem na distribuição das classes sociais, que frequentam determinados espaços associativos, como as universidades que procuram oferecer programas de extensão para idosos e os clubes ou outros centros de convivência (ALVES JUNIOR, 2004).

Ainda nos dias atuais, o envelhecimento aparece como a associação de doenças e perdas e é na maioria das vezes entendido como apenas um problema médico. Para Neri e Freire (2000), o envelhecimento ainda está ligado à deterioração do corpo, ao declínio e à incapacidade.

Goldenberg (2008) considera o corpo como amplo veículo de ascensão social, atrativo erótico, status e poder, um verdadeiro capital social, simbólico e econômico. Nessa perspectiva, esse autor questiona qual o lugar social dos velhos com práticas homossexuais

nessa sociedade marcada pela ótica da vida jovem, pelo valor do individualismo, pelas políticas sociais mediadas pelo heterossexismo e pelo padrão de família que desvaloriza e renega a homossexualidade.

A velhice é uma experiência que possui uma ampla caracterização biológica, com fatores históricos e sociais muito importantes, não se podendo ver a idade como um marco determinante. Devem construir referências ou indicadores para políticas públicas, leis de direitos sociais e não apenas ser vista como uma demarcação que caracterize o ser velho (ALVES JUNIOR, 2004; DEBERT, 2007).

Segundo Silva (2005), é preciso que a sociedade perceba uma mudança de valores, especialmente no tocante à imagem negativa, que é propagada acerca dos idosos. Essa imagem de fragilidade e dependência não deve ser predominante, pois é justamente o contrário das necessidades do idoso, que demandam sua inclusão nas decisões relacionadas à sociedade.

Sendo assim, cabe a cada um de nós, enquanto indivíduos agentes em uma sociedade, atentar para o protagonismo e o empoderamento da pessoa idosa, considerando suas dimensões biológica, psicológica e social, o que requer a atenção prioritária aos segmentos marginalizados, entre eles, os homossexuais.

2.4 Envelhecer e ser homossexual

Para Mota (2009), os idosos vêm conquistando novas possibilidades sociopolíticas, a partir das emergentes lutas dos aposentados e da luta pela criação de espaços de sociabilidade. Entretanto, idosos ainda são amplamente sujeitos à falta de dispositivos sociais e culturais, que levem em conta suas particularidades subjetivas, inclusive no âmbito sexual.

Segundo Simões (2004), o envelhecimento e a sexualidade, quando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana, trazem consigo o declínio do desejo, a perda da atratividade física e o apagamento como pessoa sexuada. Somados a outros problemas, essas condições causam medo e repúdio nas pessoas, enquanto se mantém grande apreço pela juventude. O ser humano guarda enorme receio da decadência física, da perda dos controles relacionados à capacidade motora ou à retenção de fluidos corporais, e das habilidades

cognitivas, atributos básicos para uma pessoa ser reconhecida e valorizada nas interações sociais.

O contexto da sexualidade na velhice leva à reflexão sobre certas experiências relacionadas a práticas sexuais diversificadas, como a homossexualidade. Esses estereótipos, que constituem condições nas quais o ser velho merece atenção nas investigações de cunho socioantropológico, representações ideológicas que dividem jovens e velhos como se colocassem cada um em determinado lugar (NERI, 2007).

Conforme a autora importa ressaltar que a homossexualidade não é um caminho desviante, paralelo ou na contramão da heterossexualidade. A questão homossexual envolve situações e condições diversas, muitas de natureza ainda encoberta, mas indiscutivelmente existente.

Alves (2010) afirma que o estabelecimento da relação entre velhice e homossexualidade não significa buscar se há algo de específico no envelhecimento de homossexuais. A etapa mais avançada do curso da vida não adquire marcas únicas porque os velhos em questão são *gays* ou lésbicas. São as trajetórias de vida, marcadas pelas vivências comuns de determinadas coortes etárias, que podem emprestar ao envelhecimento marcas distintivas.

Em sentido contrário, Silva e Montenegro (2012) afirmam que, embora a revolução demográfica das últimas décadas tenha trazido consigo um significativo aumento da proporção de idosos entre a população, e também um aumento de vinte anos na expectativa de vida, a experiência do envelhecimento não se dá de forma universal entre os diferentes grupos sociais, nem entre os indivíduos. Apesar de a fração heterossexual da sociedade dar mostras de adaptar-se para um mundo com cada vez mais idosos, o movimento gay não se liberou de seu preconceito de idade, mantendo o envelhecimento no papel de principal vilão, que deve ser combatido a todo custo, toda hora, para que o corpo não deixe de ser desejado, tornando-se um corpo abjeto, que deve ser escondido.

Apesar do processo cultural que envolve simbolicamente preconceito e exclusão, a sexualidade dos idosos passou a receber maior atenção dos jornais, com tônica em uma questão de viés negativo, que a notoriedade dos recentes dados sobre a epidemia de

HIV/AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis no Brasil. Com isso, observa-se que o estilo de vida pacato que sempre foi o estereótipo dos idosos deixou de ser um padrão válido, demonstrando que as possibilidades sociais e sexuais dos indivíduos idosos não se limitam mais ao comportamento discreto e assentado (MOTA, 2009).

Simões (2004) afirma que, de um modo geral, o imaginário recorrente é o de que a solidão, o isolamento, a depressão e perturbações psicológicas crescentes comporiam o destino dos homossexuais, desde a meia-idade precoce até a velhice, persistindo até o seu amargo fim. O homossexual idoso poderia ser, ainda, o velho incapaz de controlar-se, capaz de a qualquer momento atacar um jovem ou uma jovem, em virtude de sua decrepitude. Tal imagem reforça os contrastes entre a juventude resplandecente e a velhice sombria, num duplo preconceito contra a velhice e a homossexualidade.

Embora já se tenham quebrado muitas barreiras, persiste o estereótipo do homossexual masculino como sendo a *bicha velha, assanhada*, ou que persiga a juventude a qualquer custo, demonstrando que, tal como na heteronormatividade, também o gay norteia-se por um padrão corporal de juventude, consumo e masculinidade que reproduz valores enraizados pela ideologia patriarcal (MOTA, 2009).

De acordo com Lima (2006), há diferentes maneiras de envelhecer e tornar-se idoso, sendo a velhice singular e heterogênea. Esta autora investigou mulheres homossexuais na maturidade e observou que as representações sobre velhice e ser velho deste grupo de pessoas não diferem da imagem e dos significados de outros grupos e indivíduos da sociedade, tampouco o duplo estigma constitui motivo de preocupação para elas.

Lima (2006), investigando mulheres homossexuais idosas, destacou que as entrevistadas assinalaram como fundamental o apoio da família e dos amigos para um envelhecimento saudável. Para elas, são de grande importância os vínculos sociais, os contatos sociais, e os vínculos de amizade criados ao longo da vida.

A imagem de incapacidade associada à velhice dificulta aos indivíduos idosos homossexuais o acesso aos seus direitos, como qualquer outro cidadão. Muitas vezes, a forma preconceituosa como é visto pela sociedade acaba sendo aceita pelo próprio idoso, que passa a se considerar uma pessoa inútil, “um peso” que depende da caridade alheia (ALCÂNTARA,

2004). De acordo com Debert (2004), as condições sociais podem fazer o idoso se sentir como se fosse um ser sem escolha, sem perspectivas, num mundo adverso, onde tudo lhe é negado, até a cidadania.

No que se refere aos homossexuais, ressalta-se que esse contingente forma grupos que, na sociedade moderna, são perfeitamente visíveis, pois, por conta da busca por reconhecimento como cidadãos de direito, os homossexuais precisaram se expor e buscar a sua cidadania, negada por longo tempo. Entretanto, ao passo que se percebe cada vez mais pessoas assumindo sua orientação ou condição sexual como homossexual, não é muito comum haver visibilidade sobre o homossexual idoso (DEBERT, 2004).

3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

3.1 *Delineamento do estudo*

Este estudo é de caráter descritivo, de abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva, segundo Gil (2002), visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2008), tenta explicar os significados, as crenças, os valores, as atitudes, o dito e o não dito, abrangendo um espaço mais profundo dos processos, das relações e dos fenômenos que não são reduzidos a operacionalizações de variáveis. Segundo a autora, essa modalidade de investigação

trabalha com gente, com atores sociais em relação, com grupos específicos. Esses sujeitos de investigação, primeiramente, são constituídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudos. No campo, fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando um produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta como com as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção de conhecimentos (MINAYO, 2008, p.105).

Goldenberg (2008, p. 104) define método como uma observação sistemática dos fenômenos da realidade, que se caracteriza por uma sucessão de etapas orientadas por conhecimentos teóricos, visando explicar as causas dos fenômenos. Trata-se de um “conjunto sistemático de regras e procedimentos que, se respeitados em uma investigação cognitiva, conduzem-na à verdade”. Para a autora, a escolha da abordagem inerente ao método relaciona-se às questões levantadas, e aos problemas que se busca responder.

De acordo com Closs e Antonello (2011), entende-se história de vida como uma estratégia de pesquisa integradora da abordagem biográfica. É um registro escrito, que toma como bases narrativas pessoais de partes ou aspectos significativos de uma vida, acessados

por meio de conversas ou entrevistas. Em geral, o enfoque de uma história de vida relaciona-se à vida inteira de uma pessoa, contextualizada em relação à determinado aspecto.

Para Silva *et al.* (2007), a história de vida é um método que se caracteriza por uma preocupação com o vínculo entre pesquisador e sujeito, considerando duas perspectivas que podem ser aproveitadas como documento ou como técnica de captação de dados. Nesse método, a análise do objeto de pesquisa se desenvolve a partir e na relação, uma vez que o sujeito e o pesquisador constroem juntos os processos investigativos.

O método de história de vida, de acordo com Glat e Pletsch (2009), possibilita uma maior aproximação do pesquisador com o sujeito ou grupo analisado, por privilegiar apreciações de experiências de interesse, interpretadas pelos próprios participantes. Esse método considera como única fonte de dados a história ou relato de vida, conforme narrada pelo sujeito durante a entrevista. Não existe uma preocupação, por parte do pesquisador, em confirmar a veracidade dos fatos, pois, para ele, o importante é o ponto de vista do sujeito. O método permite que a condução do estudo seja dada pelos próprios participantes, a partir de sua visão de mundo. Sua principal vantagem reside em garantir que a tendência observada, ou os fatos considerados dignos de interesse científico, sejam apontados pelos próprios sujeitos, em detrimento daqueles que o pesquisador, de fora e *a priori*, buscaria encontrar para comprovar sua hipótese.

Para Closs e Antonello (2011), a abordagem metodológica da história de vida é a de contextualização pessoal, histórica, social, institucional e/ou política de narrativas. Busca-se, por meio dela, descortinar as forças que moldam, distorcem e alteram as experiências vividas.

Embora cada história de vida contenha uma ótica individual, deve-se levar em conta que a vida humana traz em seu bojo dimensões e informações “sobre a sociedade na qual o indivíduo está inserido, seus valores sociais e culturais, seu contexto histórico e econômico, organizações e instituições de sua época, entre outros aspectos”. Dessa maneira, pode-se aproximar o escopo de estudo de processos de aprendizagem do âmbito individual para o social, e compreender esses processos, contextualizando-os (CLOSS; ANTONELLO, 2011, p. 47).

3.2 Cenário e participantes do estudo

Este estudo foi desenvolvido com quatro idosos homossexuais, com idade igual ou superior a 60 anos, residentes na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma amostra de conveniência, cuja escolha dos participantes foi de caráter intencional, pois se tratam de pessoas de conhecimento prévio da pesquisadora, escolhidas entre suas relações sociais ou atividades profissionais.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais, aplicadas junto aos sujeitos da pesquisa em suas residências, em horários e local pré-agendados por contato telefônico.

Foram apresentadas aos entrevistados quatro perguntas, visando reunir subsídios para compreender: vivências com uma orientação homossexual; experiências negativas e positivas em seu contexto; comportamento e reação da sociedade em relação aos homossexuais; e perspectivas de futuro.

Foi utilizado pela pesquisadora um gravador cassete, para registro das respostas, e o diário de campo, utilizado para captar impressões não verbais, julgadas importantes no contexto da investigação.

Closs e Antonello (2011) lecionam que a coleta de dados envolve, em geral, ao menos, duas ou três entrevistas, com uma hora ou uma hora e meia de duração. O pesquisador deve explicitar os objetivos do estudo aos entrevistados, e sua interferência na entrevista deve ser mínima, para que caiba ao entrevistado determinar o que é relevante ou não contar. A questão de pesquisa deve ser aberta, permitindo ao pesquisado falar livremente sobre sua vida. O pesquisador não deve tentar reavivar a memória do informante, pois as próprias falhas de memória podem oferecer subsídios à formulação de inferências posteriores (CLOSS; ANTONELLO, 2011).

Closs e Antonello (2011) afirmam que, contando sua história, o entrevistado cria e recria sua vida, sendo importante que ele encontre seus significados. Caso isso não ocorra, o

pesquisador deve formular questões direcionadas para a obtenção de significados, especialmente os emocionais.

3.4 Análise dos dados

Closs e Antonello (2011) destacam a importância da realização de várias leituras cuidadosas do material coletado e transcrito, tendo em vista sempre o objetivo precípua da pesquisa. Uma vez concluídas as entrevistas e as transcrições dos relatos de cada entrevistado, devem ser realizadas novas leituras de toda a história, buscando experiências e significados relevantes.

Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdos, de Bardin (2009), e foram descritos os conteúdos manifestados pelos entrevistados. A prática da análise de conteúdo visou obter a descrição do conteúdo das mensagens, captando indicadores que permitiram a inferência de conhecimentos relacionados às histórias de vida dos entrevistados. Para o autor, o uso da análise de conteúdo inclui a possibilidade de analisar depoimentos de representantes de um grupo social, agrupando-os por temas, que podem ser representados por uma palavra, frase ou resumo, e dos quais se busca descobrir os núcleos de sentido.

Seguindo as proposições de Bardin (2009) inferiram-se as seguintes categorias de análise: recordando a descoberta da orientação sexual; sobre a orientação sexual e o posicionamento da família; se assumir como gay: observação da resposta social, e, no processo de viver e envelhecer, “não importa se é hetero ou homo”, todos seguem o seu curso.

3.5 Considerações éticas

A presente pesquisa obedeceu a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde – diretrizes para a pesquisa com seres humanos, e observa os devidos aspectos éticos. Pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os sujeitos autorizaram sua participação voluntária na pesquisa, assegurando-se seu direito dos mesmos de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização ou prejuízo. O TCLE foi apresentado aos participantes no primeiro encontro, sendo, eventuais dúvidas, esclarecidas antes da sua assinatura.

O TCLE é um termo firmado em duas vias, sendo uma assinada pela pesquisadora e outra pelo participante, e cada um ficou em posse de uma das vias. Durante a pesquisa, foram assegurados o respeito e a dignidade moral, ética e cultural dos entrevistados. Os sujeitos terão assegurada sua privacidade quanto aos dados confidenciais da pesquisa, e seus os nomes foram substituídos por codinomes, garantindo a preservação de sua identidade. As entrevistas foram gravadas com a anuência dos participantes.

Visando resguardar sua identidade e privacidade, esses sujeitos são ora denominados com o código E0, com as respectivas equivalências: E=Entrevistado 0 = número sequencial da entrevista.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da transcrição das entrevistas e das análises destas foram destacados os conteúdos, tópicos e/ou núcleos temáticos mais frequentes, em conformidade com o que preconiza Bardin (2009). As categorias emergentes neste processo foram: i) recordando a descoberta da orientação sexual; ii) sobre a orientação sexual e o posicionamento da família; iii) se assumir como gay: observação da resposta da social; iv) no processo de viver e envelhecer “não importa se é hetero ou homo”, todos seguem o seu curso. A seguir será apresentada a caracterização dos sujeitos da pesquisa e na sequência as distintas categorias temáticas.

4.1 Caracterizações dos sujeitos do estudo

Participaram deste estudo quatro indivíduos na faixa dos 60 anos de idade, quais sejam:

E1: 62 anos, união estável há 25 anos, formação superior, pequeno empresário no ramo da alimentação, renda de até oito mínimos salários mensais. Reside no Rio Grande do Sul, e constituiu família ao longo de sua união com seu parceiro; é pai de dois filhos com idades de 24 e 26 anos, e avô de uma neta de dois anos. O entrevistado revelou-se um indivíduo muito ativo, lê bastante e pratica atividades físicas, acompanhado por uma alimentação saudável. Declara-se estável profissional e financeiramente, e foi professor de ensino fundamental antes de ser microempresário. Socialmente bem adaptado, mantém bom relacionamento familiar, e é oriundo de uma família de seis irmãos.

E2: 60 anos, formação em nível de Ensino Fundamental completo, solteiro. Esclarece que tem nome de registro civil, mas adota um pseudônimo, e se reconhece como tal. Criado pela mãe, pai falecido, trabalha como voluntário em ações sociais e artesanato. Deseja ingressar na vida política como vereador. Em 2012, trabalhou como assessor de uma vereadora, quando surgiu, então, o interesse em entrar para o ramo legislativo.

E3: 62 anos, união estável, autônomo, renda familiar de cinco salários mínimos, ensino superior completo, com dois filhos adotivos com idades de 24 e 26 anos, fisicamente ativo, mantém bons hábitos alimentares, pratica atividades físicas diariamente, e, nas horas vagas, vende cocada no centro da cidade.

E4: 60 anos, solteiro, nascido em uma cidade do interior do estado, ensino superior completo, pequeno empresário na área alimentícia, renda salarial de dez salários mínimos, foi criado pelos pais na companhia dos irmãos, católico.

4.2 Categoria 1 – Recordando a descoberta da orientação sexual

As entrevistas dos participantes da pesquisa demonstraram que a descoberta da orientação sexual foi, para eles, uma experiência individual e única. Os sujeitos conferiram uma importância destacada para esse momento das suas trajetórias de vida. De acordo com Simões (2004), assumir uma identidade sexual corresponde a um processo que não se associa como etapa sequencial de um curso de vida organizado:

O jogo entre os significados sociais e as interações sociais são relevantes para a representação da própria subjetividade de quem conta, e se levarmos em consideração que toda narrativa também é construída por quem ouve, a sua análise pode nos proporcionar elementos importantes para compreender o papel da elaboração das experiências de um coorte geracional no aprendizado e difusão de narrativas-mestras sobre a origem do desejo sexual (2004, p. 432).

Mota (2012), em pesquisa similar, destaca como aspecto importante para tal reflexão a questão da idade do indivíduo. Esta não deve ser analisada apenas do ponto de vista biológico, cronológico ou linear. Para o autor, ela se apresenta como responsável “por um conjunto de imagens e representações, revela noções de valor ao longo do curso da vida que ganham complexidade no âmbito do debate sobre o envelhecimento” (p. 201). Dessa forma, amplia-se a questão da homossexualidade e o envelhecimento, pois adquire importância a problemática relacionada às diferenças entre gerações e a origem socioeconômica e cultural.

No Quadro 1, evidencia-se o recorte da trajetória de vida, com rememorações acerca da descoberta da orientação sexual. Foi solicitado aos entrevistados que falassem sobre suas vivências com uma orientação homossexual.

Quadro 1 - Recordando a descoberta da orientação sexual

Sujeito	Pronunciamentos	Unidades de significação
E1	Percebi que era homossexual por volta dos 11 anos de idade, talvez, um pouco mais cedo. Sempre me achei diferente do resto dos meninos, porém, só consegui dar um nome a esta diferença por volta dos 11 anos [...]. Ao perceber a minha orientação sexual, senti uma espécie de confirmação de uma suspeita [...] Mais tarde, ao aperceber-me do impacto social que esta situação causaria, comecei a ter medo e vergonha. [...] Tive nesse meio tempo namoricos com meninas [...] Mas foi aos 18 anos que realmente me encontrei.	Diferença Dúvida Medo Vergonha Aceitação
E2	Mais ou menos pelos 10 ou 12 anos comecei a perceber que eu era diferente dos outros meninos da minha idade, e brincava sempre com as meninas. [...]. As outras crianças mexiam comigo, mas minha mãe dizia que eu não desse bola. [...]. Quando tinha uns 12 ou 13 anos, começou a me despertar desejos por meninos; aí com 14 anos aconteceu minha primeira relação homossexual. [...]. Com 18 anos me descobri mesmo, descobri que era gay.	Diferença Discriminação Descoberta
E3	Quando me descobri, era novo, mas não sei precisamente quando uma pessoa possa se descobrir ou determinar sua condição sexual. Eu me lembro do tempo do ginásio, onde tinha uns 12 ou 13 anos. Onde alguma coisa começou a me incomodar. Ainda bem, que tudo se organizou (sua vida frente à família) quando ainda era novo, pois tu imaginas que transtorno seria?	Descoberta Reflexão
E4	Adorava a figura da mãe, óbvio, mas com meu pai era diferente, me sentia muito bem perto dele, e foi a partir daí, que percebi que realmente gostava de homens. [...]. Com 31 anos me assumi como homossexual, não foi fácil, imagina se assumir gay há mais ou menos 29 anos [...]. Nem sei como falar isso, mas achava estranha, ao mesmo tempo uma vontade grande de conhecer mais a fundo esse mundo que se apresentava pra mim.	Estranheza Enfrentamento Curiosidade

Percebe-se, pelas narrativas, que a descoberta da orientação homossexual ocorreu na passagem da infância para a adolescência. Nas rememorações dos entrevistados, surgiram expressões como sentir que “era diferente”, “estranho”, cujo registro veio acompanhado por sentimentos de “medo” e “vergonha”. Nessa perspectiva, é compreensível a importância da estrutura familiar no processo individual de construção da identidade sexual. O temor de ser diferente é compreensível especialmente quando contextualizamos os participantes da pesquisa num tempo e contexto histórico de mais de cinco décadas.

Perceber-se “diferente” no contexto familiar e também social se expressa, na fala de E1, “ao perceber a minha orientação sexual, senti uma espécie de confirmação de uma

suspeita”. A estranheza em relação à preferência sexual já era observada por E1 como quem acompanha a evolução dos sintomas de uma doença, pois a sociedade durante centenas de gerações julgou a homossexualidade como um pecado, um desvio, uma anormalidade, uma doença (GREEN, 2000). No entendimento de E1, sua orientação sexual confirmada tem repercussões sociais preocupantes, pois evidencia “ao perceber-me do impacto social que esta situação causaria, comecei a ter medo e vergonha”.

Sousa Filho (2010) destaca a existência de uma cultura que sedimentou, por anos, a ideia da homossexualidade como uma patologia, um caso clínico que, ademais, contrariava a moral cristã (GREEN, 2000; LOIOLA, 2011). Isso corrobora a emergência do medo e da vergonha no indivíduo ainda jovem, que se descobre homossexual.

Conforme Figueiró (2007), a homofobia força jovens a reprimir seus sentimentos, atração física e práticas sexuais, ou mantê-los invisíveis, até para si mesmos. Até chegar à idade adulta, muitos adolescentes homossexuais negam a si próprios sua orientação, da mesma forma em que tentam esconder dos demais que têm sentimentos e atração física por pessoas do mesmo sexo.

Exemplo disso transparece quando E1 afirma “sempre me achei diferente do resto dos meninos, porém, só consegui dar um nome a esta diferença por volta dos 11 anos”. Já E2 relatou que “mais ou menos pelos 10 ou 12 anos comecei a perceber que eu era diferente dos outros meninos da minha idade, e brincava sempre com as meninas”. Mota (2012) corrobora quando chama a atenção para as marcas geracionais relacionadas às lembranças do passado. Para o autor, as lembranças da infância estão impregnadas “das representações de gênero transmitidas pela família, as quais informam o que um homem pode ou não fazer” (p. 204).

Além disso, é bem possível que o indivíduo venha a sentir raiva de si mesmo e de situação; que tente negociar consigo mesmo mecanismos compensatórios para o fato de ser gay; mas, percebendo que a sua atração física não diminui, e que nada que tentou fazer consegue modificar a situação, pode ser abatido pela depressão, em função de sentir culpa por decepcionar as expectativas dos pais e outras pessoas importantes para ele. Isso ocorre até a constatação de que nada do que digam ou façam irá mudar a sua orientação sexual, e ele

acabe se aceitando como é. No entanto, há casos em que a aceitação nunca ocorre (FIGUEIRÓ, 2007).

Assim como, alguns indivíduos deste estudo perceberam sua orientação sexual ainda quando crianças, outros, ao adentrar a adolescência, tornaram-se conscientes de sua condição de homossexual. Às vezes, estabelecem relações de namoro de caráter heterossexual “cheguei a namorar meninas... contudo, a atração sexual por meninos foi mais forte”.

No entendimento de Figueiró (2007), há casos em que a aceitação nunca ocorre. A situação vivenciada por E4 mostra que somente com a idade de 31 anos assumiu sua sexualidade. Suas palavras são reveladoras do estigma enfrentado pelos homossexuais ao longo da história. Tomar certas precauções ou manter sua escolha velada por anos reflete a conjuntura social e histórica, o passar dos anos e a evolução do comportamento social em relação à questão talvez tenha mediado a tomada de decisão de E4. A revelação da homossexualidade pode vir acompanhada de manifestações constrangedoras pelo círculo de convivência, até mesmo da família, o que causa sofrimento e, dessa forma, acautelá-la pode ser uma estratégia de convivência saudável entre os demais.

Para Matias (2007), de um modo geral na sociedade, a heterossexualidade permanece considerada como a única forma de *normalidade*, daquilo que se preconiza como sendo *natural*, não obstante as várias demonstrações de homossexualidade nas diversas espécies animais. Segundo esse conceito, as crianças são consideradas como naturalmente heterossexuais, e raramente se discute a ideia de que a única identidade sexual ativamente imposta nas crianças é a heterossexualidade compulsiva, que se coaduna com a organização de gênero que impera na maioria das sociedades.

Em função dos mitos já enraizados na sociedade, e da heteronormatividade em vigor, Santos (2012) revela que a estranheza sobre a condição homossexual é comum, e pressupõe a existência de um campo tenso, não harmônico, não acabado, da sexualidade, seja ela homo fética ou não. Assim sendo, é compreensível que os próprios indivíduos, ao descobrirem logo na infância sua diferença, em relação ao que é heteronormativo, experimentem a sensação de estranheza.

O medo é um elemento negativo que pode estar presente entre os homossexuais. Primeiramente, descreve Nunan (2004), trata-se do medo do indivíduo de perder importantes conexões humanas após a revelação, medo da rejeição, medo de não ser aceito. Por outro lado, encontramos, neste estudo, aqueles cuja descoberta da orientação se deu de modo tranquilo, o que é confirmado pela expressão “nunca reprimi a minha sexualidade, ou seja, a nível pessoal, aceitei-a muito bem”. Ainda, há quem se sinta aliviado pelos encaminhamentos do passado: “ainda bem que tudo se organizou quando ainda era novo, pois tu imaginas que transtorno seria?”

Ceará e Dalgarrondo (2010) destacam a influência da vergonha na vida dos indivíduos homossexuais. Muitas dessas pessoas, por estarem imersas numa sociedade que se caracteriza pela supremacia heterossexual, heteronormativa e preconceituosa, acabam não apenas sendo vítimas da homofobia, como também a internalizando, ou seja, acabam elas próprias sentindo repulsa e vergonha por sua orientação sexual. A vergonha da sua orientação homossexual acrescenta os autores, solapa os níveis de qualidade de vida na maioria dos domínios. Além disso, indivíduos que apresentam dificuldade em se revelar socialmente como homossexuais, possivelmente experimentam maior sofrimento psicológico.

Nunan (2010) ressalta que os eventos de vida negativos, que decorrem do preconceito institucionalizado e da discriminação, podem constituir-se estressores externos e internos. Estes últimos seriam aqueles ligados ao preconceito internalizado, e, pode-se afirmar, quando o estereótipo é muito forte ou pernicioso, membros da sociedade tendem a aceitá-lo e incorporá-lo à sua autoimagem, promovendo sentimentos negativos em relação à própria orientação sexual.

4.3 Categoria 2 – Sobre a orientação sexual e o posicionamento da família

A relação com as famílias, especialmente com os pais, é um fator de grande influência na constituição da identidade homossexual, e na representação do exercício da futura parentalidade para casais homoafetivos masculinos (RODRIGUEZ, 2013). Para a autora, por se tratar do primeiro grupo que participam, a família deveria transmitir confiança, aceitação e acolhimento, mas, em realidade, acaba falhando, e os homossexuais acabam, com frequência, não podendo contar com essa rede apoio, o que pode acarretar alguns aspectos negativos.

Conforme Rosset (2003, p. 95), há uma dificuldade dos pais de elaborar quando um filho não sai como o idealizado porque a maioria dos pais acredita que seus filhos devam sair àquilo que foi planejado como o filho perfeito. Destaca a autora que “aceitar o filho tal qual ele é, é uma forma de aceitar e assumir as suas próprias competências e incompetências reais”.

É muito difícil para as famílias e, especialmente, para os jovens, falar de sua homossexualidade. Por isso, muitas vezes, este assunto permanece sob forma de segredo. O preconceito social nas atitudes dos pais e amigos, em relação aos homossexuais, leva os filhos a reprimirem seus impulsos, escondendo sua verdadeira identidade sexual. Os pais percebem que o filho é efeminado e/ou a filha masculinizada, suspeitando da homossexualidade destes, inaceitável para eles, e criam uma falsa ilusão de que o filho está atravessando uma espécie de passagem para a heterossexualidade. Isso é extremamente difícil para os pais e particularmente para os filhos.

Soliva (2010) destaca que quando descoberta pelos familiares, a homossexualidade torna-se um grave problema enfrentado pelos jovens. Muitas são as experiências frustradas que se inscrevem na relação filho(a) gay/família, dificultando a ação política do indivíduo de assumir sua homossexualidade no grupo doméstico. As famílias, por sua vez, não conseguem proporcionar a esses jovens uma sensação de acolhimento, que convencionalmente essa instituição deveria gerar. As agressões, ameaças e outros tantos tipos de violência comunicam a intolerância, a frustração e os medos que esses familiares, comumente, exteriorizam quando se deparam com a possível existência de um filho homossexual.

No Quadro 2, são demonstrados os comentários dos pesquisados sobre o posicionamento da família em relação à sua orientação sexual.

Quadro 2 - Posicionamento da família

Sujeito	Pronunciamentos	Unidades de significação
E1	Tive uma relação séria antes do casamento, mas a anterior era “oculta”, uma vez que o meu companheiro não se assumia como homossexual. Em nosso meio, as pessoas acham que vão se contaminar, como se fôssemos leprosos. [...] Eu sou um homossexual assumido para com os familiares, os amigos e os colegas de trabalho. Não tento esconder a minha homossexualidade. [...] Infelizmente, já me aconteceu informar um amigo de que sou gay e este decidiu afastar-se de mim...	Aceitação velada Discriminação Acolhimento Reconhecimento Rechaço e desprezo
E2	Quando minha mãe descobriu a minha verdadeira identidade sexual, aliás, uma vizinha contou que tinha me visto com um guri..., minha mãe surtou. Na época, foi o maior caos. [...] Como eu não tinha mais pai, chamou outro tio que eu tinha, daí ela me mandou ir morar com meu tio, falando pra ele que eu estava doente. Levaram-me até no psiquiatra, me fizeram exames, pois naquela época poderia ser até algo que chamavam de “disritmia”... (risos). Tenho vários amigos que, na época em se assumiram, como eu, viveram o preconceito na carne... E quando o preconceito parte da mãe, aí é bem difícil de entender, pois a mãe sempre diz querer a felicidade incondicional de seus filhos.	Acolhimento compreensivo Rechaço e desprezo Discriminação Preconceito
E3	Na época tive um tio gay, mas pouco se comentava e isso pouco vinha dos outros por que em casa era assunto sigiloso, e depois descobri que me chamavam de mariquinha e eu não tinha nem ideia.	Aceitação velada Acolhimento satisfatório
E4	Com minha família... Nunca tive problemas, mesmo quando eles desconfiaram [...] minha mãe sempre me apoiou muito, até seus últimos dias de vida, ela sempre me apoiou. Ela sabia... E dizia: filho você está feliz? Se você está, eu também estou. Não te preocupas... E eu já sabia o que ela queria dizer. [...] Eles [a família do companheiro] me aceitam, a gente nunca falou, mas toda vez que a família se reúne, lá estamos nós juntos, como eu gosto de cozinhar, vou lá, cozinho pra família, tudo na santa paz, tenho uma boa relação com os irmãos dele.	Aceitação velada Acolhimento compreensivo Apoio Rechaço e desprezo

O posicionamento da família em relação à condição sexual de seus filhos aparece de formas bem distintas no contexto dos sujeitos entrevistados, exemplo disso: E1 “Eu sou um homossexual assumido para com os familiares, os amigos e os colegas de trabalho.” O mesmo foi acolhido e bem recebido por sua família. Mas existem casos em que não há aceitação por parte familiar. E2: “Quando minha mãe descobriu de mim, da minha verdadeira identidade sexual, aliás, uma vizinha contou que tinha me visto com um guri..., minha mãe surtou. Na época, foi o maior caos.” Nessa fala, fica claro que os familiares não estão devidamente preparados para conviver com filhos não heterossexuais.

Corroborando com as falas dos entrevistados, Didier (2011) discorre acerca da importância da aproximação por parte da família na vida dos adolescentes, como sendo o principal obstáculo a ser ultrapassado quando o tema em questão é a homossexualidade. Muitas famílias não estão preparadas para aceitar um filho homossexual, por desconhecimento atinente aos preconceitos historicamente conhecidos.

O entrevistado E2 viveu essa experiência de preconceito, rechaço e desprezo, manifestados por sua própria mãe. Em suas palavras, a aversão de sua mãe é patente. Revela, ainda, E2 o abandono que sofreu de sua mãe, entregando-o para um tio, deixando-o para trás, em clara rejeição. “Como eu não tinha mais pai, chamou outro tio que eu tinha, daí ela me mandou ir morar com meu tio, falando pra ele que eu estava doente. [...] Minha mãe foi embora para Capão da Canoa, e eu fui morar com meu tio.”

Analisando o sentido da aceitação ou não da homossexualidade pelos pais no contexto metropolitano brasileiro, Oliveira (2013) destaca que a dinâmica dos confrontos a cada dia se renova, inclusive em novos patamares. Para o autor, a trama familiar é o lugar mais denso de aglutinação dos afetos em nossa cultura; sendo mesmo uma característica estrutural de seu formato: amor materno, amor paterno, amores filiais, amores fraternos. No entanto, o amor também se conjuga com dívida, culpa, vergonha, ressentimento, gratidão, reconhecimento, consideração, deferência, respeito e outros valores. E, se por um lado alguns valores são suficientemente fortes para mantê-los juntos, outros são fortes o bastante para afastá-los.

Oliveira (2013) afirma que as reações da rede familiar original à assunção de uma disposição homossexual em um de seus membros são indissociáveis de uma configuração de valores muito complexa, que envolve a expectativa de reprodução do ente familiar.

É como se o indivíduo homossexual comprometesse, com suas escolhas, o nome de família, suas propriedades, tradição profissional, *status* social, etc. Com isso, não querer saber da orientação sexual dos filhos, por exemplo, é atitude de preservação de fachada que só pode se sustentar enquanto esses não ‘*derem pinta*’, ou seja, não desafiarem as convenções das *performances* de gênero (OLIVEIRA, 2013).

Além da família, os amigos também demonstram, em muitos casos, dificuldade em aceitar a homossexualidade de um ente a quem têm afeto, conforme aponta E1: “Infelizmente, já me aconteceu informar um amigo de que sou gay, e este decidir afastar-se de mim”.

No convívio com sua família, e no processo de “assumir uma identidade”, os homossexuais deparam-se, por vezes, com uma aceitação velada, tanto por parte da família. E3 relata, numa de suas falas, a da família: “Na época tive um tio gay, mas pouco se comentava e isso pouco vinha dos outros, por que em casa era assunto sigiloso, e depois *descobri que me chamavam de mariquinha* e eu não tinha nem ideia”.

Como se pode depreender, o entrevistado demonstra que, em sua ausência, ele era chamado de *mariquinha*, sendo diminuído por sua condição homossexual, e, como essa situação era dissimulada, configurava-se, por certo, uma forma de preconceito velado.

E1, por sua vez, teve o que ele entende como um relacionamento sério, com um indivíduo que não se assumia como homossexual, podendo, esse próprio indivíduo, ser alguém que não se aceitava, ou aceitava-se veladamente, só enquanto oculto. Destaca: “Tive uma relação séria antes do casamento, mas a anterior era oculta, uma vez que o meu companheiro não se assumia como homossexual. Em nosso meio, as pessoas acham que vão se contaminar como se fossemos leprosos”.

Já o caso de E4 é, tipicamente, uma aceitação velada, por que mesmo preferindo homens, ele ficava com as mulheres, na intenção de velar sua verdadeira identidade. Em uma afirmação final, ele aponta para o que ele efetivamente crê que deveria ser: um homem (heterossexual). Afirma: “Namorei algumas meninas por um tempo, mas o desejo maior era em ficar com homens. Eu me sentia feliz por fazê-las *feliz* também, mas chegava o momento que eu via que não era aquilo que eu queria”.

Nessa perspectiva, observou-se, neste estudo que famílias reagem de modo diferenciado frente à revelação. Há aquelas que não aceitam e aquelas que o fazem com naturalidade, a exemplo da família de E3 e E4. Salienta-se, em especial, neste último grupo, o apoio da mãe, que entende que o que importa é se filho “está feliz”.

De acordo com Drescher (2010), comportamentos positivos dos pais em relação à opção sexual de seus filhos reduzem significativamente a tendência desses jovens em desenvolver depressão, usar drogas e até cometer suicídio. Esta pesquisa evidencia que a aceitação dos jovens homossexuais pelos pais possibilita o desenvolvimento com maior apoio social, e uma boa alta estima. Mostrou ainda que atitudes específicas, como defender os filhos de qualquer preconceito, e aceitar a expressão de sua sexualidade, protegem-nos diretamente contra distúrbios emocionais.

A família é considerada por Oliveira (2013) como um espaço indispensável para garantir a sobrevivência, a proteção integral de seus membros, independente da dinâmica ou da forma como ela está estruturada. O meio familiar propicia a sustentação da afetividade, e também desempenha um papel decisivo na educação de seus membros, pois é nela que são aprendidos os valores éticos e humanitários necessários para se viver em sociedade.

Por sua vez, E2, que foi abandonado pela mãe, relata o acolhimento que recebeu de um amigo, em sua nova cidade: E2: “Fiz amizades em Caçapava. Éramos um grupo, éramos 10 e um deles era gay. Chegando lá, fiz amizade com “Mila”, que era uma bixa bem legal, e que me acolheu quando não tinha lugar para morar. Ela me ajudou muito na época. Morávamos eu, ela e mais outras... Passei a me vestir de mulher.”

Amparo *et al.* (2008) afirmam que, além do núcleo familiar, outro grupo importante, tanto para a proteção quanto para a constituição de identidade dos indivíduos, é a sua rede de amigos.

4.4 Categoria 3 – Se assumir como gay: observação da resposta social

Segundo Viana (2010), é difícil para o indivíduo homossexual tomar a decisão de assumir a homossexualidade, para os mais jovens, especialmente por causa de processos internos pelos quais eles passam, que envolvem medo e vergonha. Esses fatores fazem com que eles mantenham seus desejos fechados no sigilo.

Entre as alternativas possíveis aos indivíduos LGBT – sigla usada para denominar Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis –, assumir-se pode implicar em assumir a uma situação vergonhosa como experiência a ser vivenciada nos mais diferentes espaços, no sentido de

produzir uma ressignificação do ato de rechaço, e pode implicar, ao mesmo tempo, em um processo político de reconhecimento da diferença como produtiva (PIERUCCI, 1999); também pode implicar ainda em pensar (e viver) a homossexualidade como uma experiência transgressora, e não normatizadora (FOUCAULT, 2008, p. 1).

Para Camargo (2010), a maioria dos indivíduos homossexuais prefere, por conta de questões sociais, políticas ou econômicas, manter-se “dentro do armário”, não assumindo suas preferências e identidades de gênero e sexual em público. Há, ainda, casos em que essas pessoas mantêm-se nessa condição velada, tanto no emprego quanto na família, no intuito de evitar a violência física e simbólica geralmente praticada contra os homossexuais, além das injúrias e outros tipos de ofensas morais.

No Quadro 3, são demonstrados os comentários dos pesquisados, após ter sido solicitado a eles responder à seguinte pergunta: como a sociedade se comporta/reage em relação aos homossexuais?

Quadro 3 - Assunção como homossexual

Sujeito	Pronunciamento	Unidades de significação
E1	A discriminação sobre a comunidade LGBT, infelizmente, ainda é alta, porém, atualmente, ocorrem menos demonstrações de violência [...] Essas pessoas, felizmente, um grupo restrito, julgam os outros apenas pela sua imagem e representam as que gostam de dar nas vistas [...] No entanto, no “interior”, essa ainda é muito elevada, mas acho que muitos indivíduos não demonstram a sua antipatia porque a sociedade é cada vez mais sensível em relação às minorias. [...] Muitas pessoas ainda acreditam que, numa relação homossexual, tem de haver, obrigatoriamente, alguém que desempenhe o papel feminino e alguém que exerça o papel masculino. [...] Não demonstro minha homossexualidade, uma vez que sou contra exibicionismos [...], contudo, é possível conviver durante muitos anos com um indivíduo homossexual e nunca nos apercebermos da sua orientação sexual. Grande parte da comunidade prefere que os homossexuais não demonstrem afeto em público.	Discriminação diferenciação Discrição Tolerância Aceitação
E2	Foi nesses desfiles de carnaval que me consolidei como M, e que obtive o respeito e apoio da sociedade. Essa questão com as escolas de samba veio como um bom propósito em minha vida, pois foi através do trabalho em equipe, na organização das escolas e na devoção pelo carnaval, que se abriram, não só pra mim, mas para uma grande parte da população gay da cidade.	Estratégias de enfrentamento
E3	[referindo-se à decisão do passado] Vou sair de perto de minha mãe, pai, família e vou estudar em uma universidade bem longe daqui, e aí vou poder fazer o que quiser, sem magoar ninguém, e, dessa maneira, não decepciono meus pais e eles nunca ficariam sabendo com quem e o que eu estaria fazendo.	Preconceito Estratégias de enfrentamento
E4	Um dia, em uma banca de jornal e revistas, achei uma revista muito interessante, que abordava assuntos como homossexualidade, tinha relatos de pessoas, cartas e endereços para anunciar que você existia. Foi a forma que eu encontrei para ir para esse lado, conhecer... lá pela terceira ou quarta carta [depois da indecisão inicial], criei coragem, mandei a carta, escrevi um anúncio... (risos) recebi de volta, sei lá... 1000 cartas [...]. Rezo todos os dias pra que me respeitem e para que me tratem com dignidade, independente de minha condição, pois, antes de ser homo ou hetero, sou um ser humano.	Estratégias de enfrentamento Convivendo com sua orientação sem alardes

A discriminação e a diferenciação são respostas sociais percebidas pelos participantes. Esse preconceito é percebido não apenas nas ruas, como acentua E1: “Estas pessoas, felizmente, um grupo restrito, julgam os outros apenas pela sua imagem e representam as que gostam de dar nas vistas”; mas também, dentro de seus próprios seios familiares. Isso significa que os homossexuais assumidos estão mais preparados para analisar as reações da sociedade para com eles, homossexuais.

Mas, mesmo obtendo o respeito de uma parte da sociedade, há, ainda, outra fração dela que não apenas discrimina, como tem ódio dos homossexuais, chegando às reações extremas, conforme assinalam distintas obras: As discriminações sofridas pelos membros desse grupo envolvem assimetrias de poder, desigualdade de direitos e, inclusive, violência física e psicossocial, expressa por meio de assassinatos (MOTT, 2013).

Os estudos das representações sociais acerca de homossexuais revelam preconceitos, sutis ou flagrantes, ancorados em explicações morais, religiosas ou patologizantes, as quais “colaboram com a manutenção de uma representação social do homossexual como portador de alguma doença que precisa ser curada, seja ela biológica ou psicológica” (LACERDA *et al.*; 2002, p. 175).

Mas é importante considerar que o contexto e suas representações podem alterar-se ao longo do tempo, mesmo que algumas condutas permaneçam mais arraigadas, como expressa E4: “Tu não podes sair de mão dada, beijar na rua, ainda não pode nos dias de hoje, aí tu imaginas há 28, 29 anos atrás, então é muito complicado nesse sentido.”

O preconceito se revela de formas variadas. E1 assinala, desvendando o estigma ao qual se submetem os homossexuais: “Efetivamente, muitas pessoas ainda acreditam que, numa relação homossexual, tem de haver, obrigatoriamente, alguém que desempenhe o papel feminino e alguém que exerça o papel masculino; que todos os *gays* são sensíveis e detestam desporto; que todas as lésbicas são feias e fortes; que os bissexuais são homossexuais não assumidos”.

Picazio (2010) explica que, diferentemente do imaginário recorrente das pessoas, nem sempre as relações homossexuais reproduzem o padrão fixo de comportamento do casal hétero. Há casais que buscam alternar suas práticas no sexo.

Os entrevistados também possibilitaram destacar que é possível conviver com sua orientação sem alardes. Isto por que nas respostas pode-se ver que eles reproduzem um padrão de comportamento muito comum entre homossexuais, que é o de velar suas orientações sexuais. Em suas vivências, alegaram muitas vezes esconder sua condição homossexual, por autoproteção, por não perder oportunidades de trabalho e também para não expor sua intimidade, por medo do rechaço.

E1 fala em “não gostar de mostrar afeto em público”, enquanto E3 mantém uma distância profissional das pessoas, afirmando: E3: “Eu como vendo cocada, aí as pessoas chegam, compram, e eu não digo o senhor ou a senhora, por que vai saber... Eu só agradeço por terem comprado a cocada. Não digo: nem senhor, nem senhora, nem menino, nem menina. Só agradeço.” Mas, no mesmo viés, ele revelou uma fase em que o isolamento da família e das pessoas conhecidas foi a forma que lhe pareceu mais adequada para vivenciar sua orientação sexual. Rememorou: “Vou sair de perto de minha mãe, pai, família e vou estudar em uma universidade bem longe daqui, e aí vou poder fazer o que quiser, sem magoar ninguém, e dessa maneira, não decepciono meus pais e eles nunca ficariam sabendo com quem e o que eu estaria fazendo”.

E4 demonstra, também, que, para ele é importante conviver com sua orientação sem alardes, quando revela: “E fora da família nos cuidamos, não damos pano pra manga, somos discretos, respeitamos para sermos respeitados. Acho que tudo que é extravagante não merece respeito. Eu me machuco muito facilmente, então se uma pessoa me disser: ”seu veado, seu gay”... vou ficar muito triste magoado...”.

Para Siqueira *et al.* (2008), a discriminação é tanto uma forma de enfrentamento, como um preconceito, na medida em que se aceita que o padrão heterossexual seja o único que deva ser respeitado. Ocorre, no entanto, que o preço a pagar por enfrentar uma supremacia cultural pode parecer, para alguns indivíduos, por vezes, demasiadamente alto.

No caso da homofobia e do preconceito contra homossexuais, Ramos e Carrara (2006, p.84) sugerem que as estratégias de enfrentamento desses fenômenos e os discursos produzidos pelo movimento homossexual têm que reconhecer a complexidade desses fenômenos, e mobilizar demandas específicas para diferentes violências, “abrangendo a questão estudada nos seus mais variados contextos”.

O entrevistado E2 revelou duas estratégias de enfrentamento da discriminação e do preconceito. Uma delas foi retirar-se do convívio da família: “a maioria deles saiu de casa, assim como eu, para assumir sua verdadeira identidade”. A outra: “foi nestes desfiles de carnaval que me consolidei como M, e que obtive o respeito e apoio da sociedade”;

O estigma quando em presença de outros e o desacreditar em seus atributos e suas qualidades, o ser visto como “defeituoso” aos olhos dos outros, e a discrepância entre a identidade social real e a virtual (GOFFMAN, 1988) pode explicar a tendência dos homossexuais pela procura de seus “iguais”, dos outros membros de sua tribo.

Os grupos tendem a reunir-se com os seus iguais, de forma que permanecem onde se sentem aceitos e não rejeitados. Para Louro (2001, p. 12), “reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”.

Souza Neto (2010) aponta o grupo como uma rede de proteção, um espaço de construção da subjetividade, de segurança e orientação, onde ocorrem as lutas de classes, e se responde às necessidades emergenciais de uma população.

No pronunciamento sobre as formas de enfrentamento, E4 recorda que foi por meio de uma revista temática que encontrou o apoio e coragem para investir na busca de relacionamentos, além de buscar na oração a solicitação daquilo que é seu direito humano, qual seja “o respeito e a dignidade”. Já E3 revelou que, em dado momento, sua estratégia de enfrentamento pode advir pelo abandono do seio familiar, mais pela preocupação de viver suas escolhas de modo a não provocar mágoas ou decepção aos pais.

O preconceito vivenciado pelos participantes deste estudo se estende na esfera familiar e é, muitas vezes, entendido como um processo doentio. Os obstáculos para a plena cidadania de LGBT existem devido aos estigmas historicamente associados a eles (GOFFMAN, 1988).

Categoria 4 – No processo de viver e envelhecer “não importa se é hetero ou homo”, todos seguem o seu curso.

Os entrevistados vivenciam o processo do envelhecimento, no plano biológico, como parte normal e natural no ciclo da vida. Na dimensão social e psicológica, a referência à família e ao trabalho se faz presente. Predomina uma visão do envelhecimento como uma trajetória em construção, pois ainda é possível fazer em planos e projetos para os dias vindouros. Viver e apreciar a família constituída, cuidar da saúde e ser cuidado quando necessário.

Para Neri (2007), uma velhice satisfatória não será atributo do indivíduo biológico, psicológico ou social, mas resultam da interação entre pessoas em mudança vivendo em sociedade e de suas relações intra, extra individuais e comunitárias. Assim, no entender dos entrevistados desta pesquisa, o papel da mídia na desconstrução dos estereótipos e preconceitos, a crença de que a sociedade está mudando e de que no futuro, os jovens viverão em melhores condições, contexto que se constituirá como indicador de velhice satisfatória.

No Quadro 4, são apresentados pronunciamentos dos entrevistados, que foram relacionadas à categoria “no processo de viver e envelhecer “não importa se é hetero ou homo”, todos seguem o seu curso”. O encaminhamento feito a eles foi: Fale-me sobre suas perspectivas com relação ao futuro.

Quadro 4- Perspectivas para o futuro

Sujeito	Pronunciamentos	Unidades de significação
E1	Em nosso caso, criamos dois meninos que, hoje, um tem 24 e o outro 26. Na época, não tinha adoção, até por que estava bem longe disso, mas a família dos mesmos era muito pobre e os pais fizeram uma autorização por cartório para que pudessem vir morar com a gente [...]. Construímos uma família sólida e unida que se cuida e se respeita. [...] Pra mim envelhecer está sendo um processo bem “normal”... E quando falo isso é por que é normal mesmo. Tenho saúde graças a Deus, tenho meu companheiro, meus filhos e agora sou até avô... Trabalho e vou continuar trabalhando [...]. Minha cabeça ainda está a mil e quero que ela continue assim. [...] ser idoso nos dias de hoje, pra mim, é mais fácil do que no tempo de papai e mamãe. [...] há pessoas que compreendem que dois homens ou duas mulheres podem criar uma criança tão bem como um homem e uma mulher.	Constituição de Família Trabalho Percepção de velhice Velhice enfrentando preconceitos
E2	Com 30 anos, casei-me novamente, e essa união durou 20 anos e agora fazem seis que estou solteira. Sou muito exigente: não bebo, não fumo, não uso e nunca usei drogas, sempre usei preservativo. Primeiro me cuido, depois cuido do outro. Mas agora pretendo ficar sozinha, claro que muito ativa ainda, mas me realizo muito no trabalho, e ajudo muita gente. [...] Hoje trabalhar continua sendo minha prioridade. Estou sozinha há seis anos, e não tenho casamento em meus planos, filho também não tem estrutura, nem bicho de estimação eu tenho, pois tanto um quanto outro precisam de carinho, atenção e cuidado e eu não tenho tempo para este tipo de cuidado. [...] Busquei e continuo buscando meu espaço. Sinto-me jovem e tenho muitos planos para o futuro. A vida precisa ser ativa: vida sexual ativa (não se esquecendo do preservativo) porque o índice de AIDS está bem presente na vida do idoso também, justamente pela dificuldade e preconceito como o uso da camisinha.	Constituição de Família Separação Trabalho Desprendimento Cuidado Percepção positiva de velhice Projetos Futuros de vida
E3	Conheci meu companheiro na cidade x no período de conclusão de curso. Após a formatura, fomos morar juntos. Nossa história já dura 35 anos e dessa união adotamos dois meninos que, na época, tinham entre 8 e 10 anos. Hoje já temos até uma netinha de 2 anos. Vivemos bem, somos unidos e somos respeitados enquanto família e sujeitos que compõem uma sociedade. [...] Sou uma pessoa bem engajada socialmente, ativa e tenho muita vontade de viver, trabalhar, me exercitar. E, minhas perspectivas para o futuro é ter muita saúde para poder desfrutar da família, dos amigos, viajar, trabalhar e viver muito. [...] vivemos nossa sexualidade intensamente e sem medo de julgamentos, pois somos pessoas normais, trabalhamos dignamente, pagamos nossas contas, já criamos nossos filhos e agora cuidamos um ao outro.	Percepção de velhice Trabalho Engajamento social Cidadania
E4	Os sobrinhos me chamam de tio e sobrinhos netos me chamam de vovô, por que nem eu nem ele tivemos filhos, até pensamos em adoção no passado, mas ficou por aí. [...] eu me vejo bem mais velho do lado dele, me vejo o resto de nossas vidas juntos, viajando, curtindo os momentos juntos, sentadinhos no sofá, vendo televisão.	Família Percepção de velhice

Acreditamos que o sentido que os homossexuais conferem a seu processo de viver e envelhecer é reconhecer que possuem uma vida ativa, feliz e bem engajada socialmente. Revela conviver com a família constituída, conforme expressa E1, ao reportar que criaram dois meninos, mesmo em um período em que a adoção por pares homossexuais não era legal, e obtiveram como resultado uma família harmoniosa.

O entrevistado E2 relata sua condição de solteiro, após um relacionamento estável de 20 anos. Sozinho há seis anos, ele não manifesta intenção de constituir família, aparentemente substituindo sua presença na vida por trabalho.

Envelhecer com dignidade e de forma contributiva para a sociedade talvez seja um dos maiores desafios para homens idosos homossexuais. Estes estão sempre à procura de caminhos para conviver com as mudanças associadas à idade, envelhecer bem e marcar sua passagem pelo mundo de forma digna e promissora, trabalhando para sentir-se útil. E2 relata esta questão quando diz que se sente muito bem sozinho e útil pelo espaço de seu trabalho.

Numa sociedade em que a condição de ser produtivo é básica para que uma pessoa seja aceita pela sociedade como membro ativo, os velhos sempre foram avaliados como improdutivos e dependentes. Esses rótulos foram associados aos trabalhadores que envelheciam e levavam a afastamento e discriminação pelo fato de não poderem mais oferecer a energia e o esforço físico que o trabalho exigia em outras épocas (DULCEY-RUIZ; GUTIÉRRES, 2007).

E3 também relata uma história de relacionamento duradouro, estável, com o que se poderia chamar de êxito familiar : “Conheci meu companheiro na cidade x no período de conclusão de curso, após a formatura, fomos morar juntos. Nossa história já dura 35 anos e dessa união adotamos dois meninos que na época tinham entre 8 e 10 anos. Hoje já temos até uma netinha de 2 anos. Vivemos bem, somos unidos e somos respeitados enquanto família, e sujeitos que compõem uma sociedade”.

De acordo com Mello (2005), por meio da constituição de casais conjugais, cujos membros geralmente se autodefinem como uma família, os homossexuais passam a desvincular-se das representações sociais equivocadas e seus estereótipos, e reivindicam não mais apenas o direito à cidadania, em nível individual, mas, também, o direito à constituição de grupos familiares, integrando-se ao rol de sujeitos sociais portadores de demandas que, no mundo ocidental, convencionalmente realizam-se por meio da constituição do casal conjugal e da socialização de crianças – filhos biológicos ou adotivos.

No mesmo sentido que a manifestação de E1 e E3 é a declaração de E4, que também vive uma longa relação estável: “Eles me aceitam a gente nunca falou, mas toda vez que a

família se reúne, lá estamos nós juntos, como eu gosto de cozinhar, vou lá cozinhar pra família, tudo na santa paz”.

A aceitação dos familiares de E4 fica evidente neste contexto, uma boa convivência familiar se faz presente.

Para Minuchin (1983), a família é um sistema aberto e em transformação constante pela troca de informação com os sistemas extrafamiliares. As ações de cada um de seus membros são orientadas pelas características intrínsecas ao próprio sistema familiar, mas podem mudar diante das necessidades e das preocupações extremas. Nesse aspecto, importante avaliar, a família sabe da relação dos dois sujeitos, mas não comenta, não julga, respeita a relação dos dois.

E1 reflete esta afirmação quando afirma sobre seu processo de envelhecimento: tal realidade também foi observada por este estudo e revela que para os homossexuais o processo de envelhecimento é um processo percebido de forma tão natural como para qualquer outro indivíduo, independente de orientação sexual.

Weeks (2000) nos mostra que uma identidade sexual é cercada de ambiguidades podendo ser uma declaração de pertencimento absolutamente fundamental, tendo conotações importantes tanto de senso de unidade pessoal como de comprometimento político; por outro lado, identidades são histórica e culturalmente específicas, selecionadas dentre um leque de opções possíveis, e não partes essenciais da personalidade de cada um.

E2 também não dá sinais de ter problemas com o envelhecimento. Para ele, a vida segue seu curso num processo de busca.

Giele e Elder (1998) apontam quatro elementos importantes na definição do curso da vida como procedimento de investigação: a situação no tempo e no lugar, que remete à contextualização na história, na estrutura social e na cultura; o entrelaçamento das vidas, que assinala a relevância das interações entre pessoas que compartilham experiências semelhantes; a agência humana, que ressalta o modo como a movimentação dos indivíduos em busca da realização de suas metas pessoais influencia a configuração e direção dos seus percursos de vida; e a sincronização da vida, o modo como eventos cronológicos da vida

pessoal se combinam simultaneamente com eventos característicos do grupo de referência e que são peculiares ao momento histórico vivenciado.

A despeito do comentário de E2 sobre a vida sexual ativa com responsabilidade e uso de preservativo, chamando atenção para os casos de HIV/AIDS no meio da população idosa e da atenção que deve ser doada para essa questão importante do autocuidado.

Para Mota (2009), a sexualidade dos idosos, apesar do processo cultural que envolve simbolicamente preconceito e exclusão, ganhou as páginas dos jornais a partir da notoriedade dos recentes dados sobre a epidemia de HIV/AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) no Brasil. O autor acentua que com a disponibilidade de medicamentos estimulantes sexuais, principalmente com o advento do *Viagra*, o desempenho sexual de muitos homens melhorou, e os idosos sentiram-se mais seguros nas investidas sexuais.

E3 também revela uma grande tranquilidade em relação ao processo de envelhecimento. Otimista, ele estabelece uma conexão entre passado e futuro, e apresenta perspectivas animadoras. Para E4, a perspectiva de futuro é, também, confortável.

Mota (2009) salienta que, ao se analisar as trajetórias de vida de homens homossexuais, é bem possível que a experiência do envelhecimento deva começar por desmistificar o campo simbólico no qual a velhice está inserida.

Podemos observar que o processo de envelhecimento será duradouro para aqueles que aprenderem a envelhecer durante todo o seu percurso de vida, e se adaptarem a um novo momento, novas escolhas, opções, assim como nos adaptamos quando crianças, adolescentes e adultas, a velhice é apenas mais uma fase que pode perdurar por muito tempo e não ser sinônimo de morte (LOUREIRO, 2004; MOTTA, 2006).

O envelhecimento e a homossexualidade, no que se refere ao preconceito, estão diretamente relacionados. Nas falas dos entrevistados, fica incontestável a manifestação do preconceito, mas não oferece nenhum nível de comprometimento no que diz respeito ao rumo natural da vida desses sujeitos.

As respostas obtidas a partir das perguntas apresentadas aos entrevistados possibilitam inferir que o envelhecimento não lhes parece um processo sofrível ou traumático, senão que um estágio esperado com naturalidade. Ainda que o preconceito contra a velhice e a homossexualidade seja recorrentemente emergente, eles não parecem chocar essas pessoas, já amadurecidas e acostumadas a reveses.

Além disso, conforme alguns deles acentuam, nos dias atuais a aceitação das diferenças é maior, em relação ao passado, em períodos nos quais a discriminação já foi mais acirrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu à pesquisadora investigar o que significa a velhice para homossexuais, conhecer as repercussões da orientação sexual homoafetiva na trajetória de vida de homens idosos.

Tanto as leituras do arcabouço teórico quanto a rica experiência empírica junto aos indivíduos pesquisados, pelo método da história de vida, revelaram comportamentos, valores e ideologias, características importantes deles e da sociedade na qual estão inseridos.

Na trajetória desta pesquisa, observou-se que a descoberta da orientação, sexual foi, para eles, uma experiência individual e única.

Também não é, necessariamente, um trauma, tampouco representa uma celeuma familiar, embora por muitas vezes tenha, para alguns, sido, por ocasião da descoberta e/ou revelação. Com o decorrer dos tempos, a maior parte das famílias convive harmônica e respeitosa com seus entes.

A assunção dos pesquisados como homossexuais, como se pode depreender das respostas, deu-se de maneira natural. Os homossexuais são pessoas íntegras, trabalham, pagam suas contas. É difícil para o indivíduo homossexual tomar a decisão de assumir sua sexualidade, mas ele pode tão somente assumir-se, em um contexto isolado do restante dos aspectos cotidianos, agindo de forma natural, e isso é suficiente para que ele esteja bem, e para que outras pessoas o percebam como tal.

Quanto à percepção da resposta social, no que se refere aos entrevistados, existe a aceitação clara e tácita e as agressividades e rejeições, sendo o preconceito manifesto de forma bem explícita diante do estigma de ser gay e velho, examina-se como são as experiências relacionais e que estilos de vida são construídos e experimentados por esses homens.

A respeito de suas percepções sobre viver e envelhecer na condição homossexual, ao contrário do imaginário que perpassa parte da sociedade, viver e envelhecer na condição homossexual, exceto pelos episódios eventuais de preconceito dos homofóbicos, está envolto em aspectos absolutamente semelhantes aos envoltos na vida de qualquer indivíduo. Há as alegrias, as expectativas profissionais, o sexo, o prazer, a afetividade, o carinho, e a preocupação com o envelhecimento.

Certamente não respondemos todas as indagações sobre a questão abordada nesta dissertação; outros olhares e outras interpretações podem e devem surgir a partir de nossas análises. Contudo, afirmamos que o envelhecimento e a homossexualidade devem ser entendidos como questões intrínsecas à sociedade contemporânea e que, portanto, dizem respeito a todos nós, independente de nossas condições sexuais.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTRA, Adriana. *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. Campinas, SP: Alínea, 2004.
- ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *A pastoral do envelhecimento ativo*. 2004, 621 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.
- ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horiz. Antropol.* v. 16, n. 34, p. 213-233, 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 2. ed. rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARROS, Myriam Lins. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: Barros, Myriam Lins (Org.). *Família e geração*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. *Cadernos de atenção básica*. 2007. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- CEARÁ, Alex Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. *Rev. psiquiatr. Clín.*, v. 37, n. 3, 2010.
- CLOSS, Lisiane Quadrado; ANTONELLO, Claudia Simone. O uso da história de vida para compreender processos de aprendizagem gerencial. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie*, v. 12, n. 4, p. 44-74, 2011
- DEBERT, Guita Grin - *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPES, 2004.
- _____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Lins. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- DIAS, Renato Duro; ROCHA, Roberto Hilsdorf. *União homo afetivas face ao ordenamento jurídico brasileiro*. 2010. *Âmbito Jurídico*, n. 77 [Online], Disponível em: <<http://www.ambito-juridico.com.br/site/index>>. Acesso em: 13 fev. 2014.
- DIDIER, Diogo. *A difícil descoberta da sexualidade*. Ser feliz é ser livre. 2011. Disponível em <http://serfelizeserlivre.blogspot.com.br/> Acesso em: 13 fev. 2014.
- DULCEY-RUIZ, E.; GUTIÉRREZ, A. L. Preparación para la jubilación. Bogotá, *Caja Colombiana de Subsídio Familiar Colsubsídio*, 2007.
- DRESCHER, Jack. A History of Homosexuality and Organized Psychoanalysis. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*. v. 36, n. 3, 2010.

FARIA, Ana Cristina Nogueira Borges. *Curso de especialização em geriatria e gerontologia*. Módulo: alterações fisiológicas e anatômicas do envelhecimento 2006. Ciape. Disponível em: <http://www.ciape.org.br/matdidatico2.asp?Cod_professor=7>. Acesso em: 12 jan. 2014.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Homossexualidade e educação sexual*. Londrina: UEL, 2007.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento da entrevista “De l'amitié com me mode de vie” a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada no *Jornal Gai Pied*, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39, disponível em: <http://filoesco.unb.br/foucault/amizade.pdf>, acesso em: 20 mar. 2008.

FREITAS, Maria Célia; QUEIROZ, Terezinha Almeida; SOUSA, Jacy Aurélia Vieira. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Rev Esc Enferm USP*, v. 44, n. 2, p. 407-412, 2010.

FREITAS, E.V., Miranda, R. D.; Nery, M. R. (2002). Parâmetros clínicos do envelhecimento e avaliação geriátrica global. In: Freitas, E. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. p. 610-617. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro, Record, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLAT, Rosana; PLETSCH, Marcia Denise. O método de história de vida em pesquisas sobre auto-percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. *Revista Educação Especial*, v. 22, n. 34, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONÇALVES, Lucia Hisako; ALVAREZ, Ângela Maria. A enfermagem gerontogeriatrica: perspectiva e desafios. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 1, n. 1, p. 57-68. 2006.

GREEN, James. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil no Século XX*. São Paulo: Edusp, 2000.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. Censo demográfico, 2000. *Características gerais da população*. Rio de Janeiro, 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Alegria momentânea: paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.* v. 6, n. 1, p. 54-70, 2013.

LACERDA, M., PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002.

LIMA, Prince Vangeris Fernandes. Homossexualidade na terceira idade: revisão de literatura. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 4, n. 2, p. 417-27, 2013. [on line], Disponível em <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/download/507/pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

LIMA, Tânia Gonçalves. *Tornar-se velho: o olhar da mulher homossexual*. 2006. 148f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

LOIOLA, Luis Palhano. *Coisas difíceis de dizer*. As manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens. 2001. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MATIAS, Daniel. Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação. *Análise Psicológica*, v. 1, n. 25, p. 149-152, 2007.

MENDES, Márcia R. S. S. Barbosa et al. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. In: *Acta Paul Enferm*. V. 18, n.4, p. 422-6, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf>> Acesso em: 03 maio 2012

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.

MINUCHIN SD. *A política da família*. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1983.

MOREIRA FILHO, Francisco Carlos; MADRID, Daniela Martins. *Conceituando homossexualidade*. 2010. [on line]. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.Php/ETIC/article/viewFile/1645/1568>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

MOSCOVICI, S. (2011). *Psicologia das minorias activas*. Petrópolis: Vozes.

MOTT, Luiz. *Gays enfrentam dilema para sair do armário em Brasil polarizado*. São Paulo: BBC Brasil, 2013.

MOTA, Murilo Peixoto. Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. *Sinais*, n. 6, v. 1, p. 26-51, 2009.

_____. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. *Bagoas*, n. 07, 2012.

NAPHY, Willian. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006.

- NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). (2000). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus.
- _____. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativa na terceira idade*. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, Edições SESC - SP, 2007.
- NUNAN, Adriana. Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Psicol. Argum*, v. 28, n. 62, p. 247-259, 2010.
- OLIVEIRA, Leandro. *Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo*. 2013. 173p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- PEDRO, Roberto Cardoso. *O preconceito no discurso gay*. 2006. 85 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- RODRIGUES, Humberto. *O amor entre iguais*. São Paulo: Mythos, 2004.
- RODRIGUEZ, Brunella Carla. *Não aceitação pela família pode influenciar ideia de parentalidade nos homossexuais*. 2013. [on line]. Disponível em: <<http://www5.usp.br/24414/para-homossexuais-parentalidade-sofre-grande-influencia-da-familia-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- ROSSET, Solange Maria. *Pais & Filhos: uma relação delicada*. Curitiba, PR: Sol, 2003.
- SANTOS, Sergio Lima. *O “paradigma do armário”*: notas sobre a formação do movimento homossexual no Brasil e suas políticas identitárias, ANPOCS. 2012
- SANTOS, Silvana Costa. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogerátrica. *Rev. Bras Enferm*, v. 63, n. 6, p. 1035-9, 2010.
- SILVA, Alessandro Soares. As cores memoriais (e distorcidas) da (In) diferença: com que cores se colorem o passado no tempo presente da Homofobia? Bagoas – *Estudos Gays, Gênero e sexualidades*, v. 1, n. 1, 2007.
- SILVA, Dayane de Oliveira Ramos. *Aplicabilidade da Lei Maria da Penha: um olhar na vertente do gênero feminino*. 2011. Âmbito Jurídico, n. 84. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?N_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8892>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- SILVA, Fabio Ronaldo; MONTENEGRO, Rosilene Dias. *Jovem e bonito, velho e feio? Os homossexuais idosos e as publicações homoeróticas brasileiras*. 2012. [online]. Disponível em: <www.abeh.org.br/index.php?Option=com.view>>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- SILVA, Marina da Cruz. O processo de envelhecimento no Brasil: desafios e perspectivas. *Textos Envelhecimento*, v. 8, n. 1, 2007.
- SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SIMÕES, Júlio Assis. “O negócio do desejo”. Resenha de PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo. 2. ed. In: *Cadernos Pagu* (31), 2008.

SOLIVA, T. B. *Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por homossexuais*. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

SOUSA FILHO, Alípio. *Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude*. 2010 [Online]. Disponível em:

<http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/Teorias%20sobre%20a%20genese%20da%20homossexualidade%20-%20ideologia,%20preconceito%20e%20fraude.Pdf>. Acesso em: 11 fev. 2014.

WEEKS, J. (2000). “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, G. L. (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.